

3ª Edição

Por um Mundo Melhor!

TRANSFORMANDO AS VIOLÊNCIAS EM CONVIVÊNCIAS PACÍFICAS.



INSTITUTO
MUNDO
MELHOR

UEPG



www.institutomm.com.br

A CULTURA DE PAZ SE FAZ COM UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ: Transformando as violências em convivências pacíficas.

INTRODUÇÃO

A Cultura de Paz é um dos grandes temas do século XXI. Ao mesmo tempo que o ser humano avançou em ciência e tecnologia durante as últimas décadas, as relações humanas, a solidariedade, a tolerância e o respeito passam por uma crise, onde sofrem mudanças e a vida nem sempre é valorizada. Isso se reflete num país com os maiores índices de homicídio no mundo, além de dezenas de milhares de mortes no trânsito, com milhares de assassinatos de mulheres e crianças, além de relações familiares violentas, muitas vezes geradas pelo abuso de drogas lícitas e ilícitas. As questões acima não são estatísticas frias, mas sim, o reflexo de uma cultura de violência, que é reproduzida e reforçada pelas relações cotidianas, pela mídia, pelas atitudes violentas das pessoas com as outras e com a natureza. Além disso, as questões estruturais como a desigualdade e as injustiças sociais compõem este cenário complexo das violências em nosso tempo. Este quadro aponta para a inevitabilidade da discussão e estruturação da área de estudos da Paz, que nasce nos princípios da Cultura de Paz e é organizada pelas práticas pedagógicas que chamamos de Educação para a Paz, ou seja, pensar e planejar ações para realmente entender a Paz como possibilidade concreta de realização. Logo, cabe o entendimento que Cultura de Paz deve ser entendida como um grande “guarda-chuva” de ações para o BEM, agregando as condições que promovem o ser humano e melhoram a vida e o planeta. Isso é oposto ao MAL, que é tudo o que impede o crescimento e a promoção deste bem. A Cultura de Paz estaria nas ruas, nas diversas religiões, na democracia, na cidadania e nas diferentes possibilidades da vida. Já uma Educação para a Paz, seria o ramo pedagógico da Cultura de Paz, ou seja, a organização pedagógica de temas como valores humanos, direitos humanos, cidadania, meio ambiente entre outros, que devem ser estruturados pedagogicamente, aplicados com atividades educacionais que provoquem a reflexão e ação nessa busca do BEM, nestas condições de melhoria das pessoas, da vida e do planeta. Por isso acreditamos que uma Cultura de Paz se faz com Educação para a Paz, ou seja, falar ou discursar sobre paz, sem entender seus princípios é muito pouco e pode criar uma imagem de ingenuidade.

É necessário estar atento e crítico às diferentes violências cotidianas que impedem a concretização da paz e, ainda, valorizar o conflito como um elemento importante para o crescimento das relações e instituições, desde que sejam tratados adequadamente, focando em resoluções não-violentas e restaurativas de convivências positivas. Portanto, nesse contexto complexo, oferecemos este material, um pequeno guia, com o objetivo de em apresentar elementos conceituais e procedimentais importantes para refletir e estabelecer caminhos reflexivos e práticos de uma Educação Para a Paz. Educar para a paz é uma construção diária, nos pe-

quenos atos, de onde brotam as grandes transformações. Paz é para ser realizada, não só idealizada. A Paz se faz, não é dada. Para Diskin e Roizman, a Educação para a Paz deve ser um:

[...] processo pelo qual se promovam conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para induzir mudanças de comportamento que possibilitam às crianças, aos jovens e aos adultos a prevenir a violência (tanto em sua manifestação direta, como em sua forma estrutural); resolver conflitos de forma pacífica e criar condições que induzam à paz (na sua dimensão intrapessoal; interpessoal; ambiental; intergrupar; nacional e/ou internacional). (2008, p. 26)

A Educação para a Paz é um processo que permeia todas as idades, que pode ser inserida nas diversas instituições tanto da área educacional, como assistenciais e também nas áreas da saúde e da justiça. Em todos os espaços onde existam grupos organizados, os conceitos e práticas da Educação para a Paz tem seu espaço garantido. Na área da educação, seja nas escolas ou nos projetos socioeducativos, que envolvam cultura e esporte, na assistência social com os grupos de apoio, nos grupos atendidos pela saúde, nos trabalhos da área social e da justiça. Além disso, a Educação para a Paz deve fazer parte do nosso dia-a-dia, das formas mais variadas como: nos meios de comunicação, nas relações pessoais, na organização das instituições, no meio da família.

Considerando este contexto amplo, não cabe mais o questionamento de que somos a favor da paz, pois, quem não é? Devemos nos perguntar a cada dia, se repudiamos as violências físicas, psicológicas, de gênero, contra a infância, contra os direitos humanos, a favor de um desenvolvimento humano sustentável! Como aponta Salles Filho:

A Educação para a Paz está no entendimento das violências, na busca da compreensão das mesmas, na clareza dos conflitos geradores e com o processo pedagógico de mediação destes, culminando com a não-violência, ou dito de outra forma, com convivências pacíficas. (2009, p.238)

Uma Cultura de Paz só se faz com uma EDUCAÇÃO PARA A PAZ! É neste caminho que apresentamos alguns elementos necessários para fundamentar trabalhos efetivos na prevenção das violências em diversos espaços. Obviamente, são questões de fundamentos e que sempre precisam ser entendidas e adaptadas de acordo com as diferentes realidades que são encontradas no cotidiano.

AUTORES

Erica Cristina Lemes
Nei Alberto Salles Filho
Virgínia Ostroski Salles



Sumário

CULTURA PARA A PAZ E EDUCAÇÃO PARA A PAZ: ASPECTOS BÁSICOS	5
EDUCAÇÃO PARA A PAZ: PRINCÍPIOS E OBJETIVOS	8
EDUCAÇÃO EM VALORES: VIVÊNCIAS INDISPENSÁVEIS	11
MEDIAÇÃO DE CONFLITO: CAMINHO ARTICULADOR ENTRE VIOLÊNCIAS E PAZ	12
PISTAS PARA O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ	14
PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI	17
REFERÊNCIAS	18

CULTURA PARA A PAZ E EDUCAÇÃO PARA A PAZ: ASPECTOS BÁSICOS



Ao lembrar sobre relação entre Cultura de Paz (ampla) e Educação para a Paz (organizada pedagogicamente) procuramos estabelecer alguns indicadores para entender esta relação. Para vivenciarmos uma Cultura de Paz, precisamos aprender a repudiar qualquer forma de violência, das diretas (contra pessoas) às indiretas (como a pobreza), e promover os princípios de liberdade e justiça, solidariedade e tolerância, bem como estimular a compreensão entre os povos e as pessoas. Vivemos em uma cultura de violência fruto de uma construção histórica. Da mesma forma, se uma cultura de violência foi desenvolvida pelo ser humano, também podemos supor que uma Cultura de Paz também pode ser construída. Somos capazes de construir uma Cultura de Paz! Um documento básico para estabelecer uma Cultura de Paz é o Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência da UNESCO, esboçado por um grupo de ganhadores do prêmio Nobel da Paz. Em suas discussões sugeriram seis pontos fundamentais a ser considerados para todos os povos.

São os seguintes: Respeitar a vida, Rejeitar a violência, Ser generoso, Ouvir para compreender, Preservar o planeta e Redescobrir a solidariedade. A partir deste documento a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou o período de 2001 a 2010 a “Década Internacional da Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo”. Mesmo após este período

a ONU continua apoiando e divulgando tais perspectivas, uma vez que a violência precisa ser permanentemente enfrentada. Vamos observar as diretrizes para cada um dos princípios do Manifesto 2000 e perceber como a Cultura de Paz é ampla e pode estar em todos os momentos de nossa vida, não como fato já dado, mas a ser construído a partir das violências e dos conflitos que estão em jogo, tanto nas famílias, nos bairros, cidades, país e no planeta.

AS PISTAS DO MANIFESTO 2000

1) Respeitar a vida: “Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminação ou preconceito.” Comentários:

Esta é a primeira discussão que o “Manifesto 2000 para uma Cultura de Paz” traz como compromisso. Será que somos capazes de fazer algo para construir um mundo com mais justiça social, com mais igualdade? As desigualdades e injustiças são tantas que, acaba sendo mais cômodo nos sentirmos apenas e revoltados e nada fazer. Mas, de alguma maneira, precisamos aprender que a paz está em nossas mãos: a sociedade do futuro depende de nós! E com isso cabe a cada um de nós contribuirmos e cuidarmos da vida, em seu aspecto pessoal, social e planetário.



Respeitar a vida, em todas as suas formas é um princípio fundamental da Paz, onde estão em jogo, as relações humanas, com os animais, com as plantas e com todo o planeta. Podemos dizer que a Paz é sinônimo de preservação de TODA vida. Logo, tudo que ameaça a vida das pessoas, animais e do meio ambiente é violência e, precisa ser evitada!

2) Rejeitar a violência: “Praticar a não-violência ativa, rejeitando a violência sob todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular contra os grupos mais desprovidos e vulneráveis como as crianças e os adolescentes.” Comentários:

Lembrando Mahatma Gandhi que afirmava que o primeiro princípio da ação não-violenta é a não-cooperação com tudo que é humilhante, tudo que desagrada, tudo que machuca. Vejamos: Em princípio, quando indagadas, todas as pessoas posicionam-se a favor da paz. Porém, na prática da vida, das relações sociais isso não aparece concretamente.

Portanto, ser da paz não está apenas no discurso e nas palavras, mas sim nas ações verdadeiras de nosso dia a dia. Podemos dizer que mais que a favor da paz, cada um de nós precisa mesmo é REPUDIAR todas as formas de violência contra a vida e o planeta. Quando nos posicionamos contrários às violências de forma clara, estamos a favor da Paz como não-violência ativa!!! Com este posicionamento procuramos que nossas ações sejam efetivamente não-violentas, ou, numa palavra, pacíficas.

3) Ser generoso: “Ninguém é tão pobre que não tenha algo para dar; ninguém é tão rico que possa dispensar um sorriso amistoso.” Comentários:

Compartilhar o nosso tempo e nossos recursos materiais em um espírito de generosidade visando o fim da exclusão, da injustiça e da opressão política e econômica. Quando falamos de generosidade sabemos que não é um direito, também não é um dever, tampouco é regida por leis. Generosidade é obra da grandeza de caráter, um valor nos humaniza e nos faz ver que, no essencial, somos todos semelhantes. Ser generoso requer entender também que além de doações materiais que são necessárias, podemos colaborar e compartilhar bons sentimentos, estabelecer boas relações, conviver em benefício com o crescimento coletivo, estimular o sentimento de empatia e criar laços de amizade e afeto com pessoas e grupos, criando vínculos fortes que evitarão muitos conflitos e violências. A Paz é tanto iniciativa individual quanto coletiva, entre grupos, entre seres humanos!

4) Ouvir para compreender: “Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, dando sempre preferência ao diálogo e à escuta do que ao fanatismo, a difamação e a rejeição do outro.” Comentários:

É fundamental entender que no diálogo não deve ha-

ver a tentativa de fazer prevalecer um ponto de vista em particular, mas sim, ampliar a compreensão dos envolvidos sobre os fatos, as ideias e os conflitos que se dão pelas diferenças de percepção. O diálogo é o caminho para o entendimento e para a tolerância, pois nos faz compreender melhor as diferenças que temos com os demais. Por mais que tenhamos nossas opiniões e razões, estas não podem ser impostas aos outros, pois isso também é uma forma de violência. Dialogamos, debatemos e até entramos em conflito a partir de nossos posicionamentos. Isso não é ruim, desde que feito com respeito, equilíbrio e responsabilidade.

Quando tentamos “obrigar” os outros a concordar com nossas ideias somos levados ao fanatismo e à violência e, dessa forma, só há espaço para um “certo” ou “errado”. Como sabemos, é no equilíbrio e no diálogo que encontramos um meio termo para as convivências positivas e construtivas. A construção positiva na vida só será sustentável se for feita com base na escuta e no diálogo, caso contrário será sempre uma violência imposta por uma das partes.

Ouvir, mas, compreender de fato é o caminho! Lembramos que a arrogância originada da percepção estreita das coisas deu origem a atrocidades e barbáries como as formas de escravidão, das guerras e de grande parte das violências ao longo da história.

5) Preservar o planeta: “Promover um comportamento de consumo que seja responsável e práticas de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio da natureza no planeta.” Comentários:

Esse é outro desafio de todos neste século XXI. Mas, preservar o planeta é muito mais que “plantar árvores” ou “economizar água”. Além disso, trata-se de mudar toda a perspectiva do consumo, do excesso de bens materiais que esgotam os recursos naturais e que geram toneladas de resíduos e lixo a cada ano. A cultura do excesso passa pela alimentação, pelo vestuário, produtos eletrônicos e automóveis, que são ícones de consumo da sociedade moderna. Uma mudança radical seria necessária, mas parece utópica. Portanto, precisamos procurar sentir mais a natureza, a vida e, especialmente, tudo aquilo que é prejudicial à vida e ao planeta. Perceber o próprio corpo, a saúde, perante tanto consumo e excessos (alimentares, medicamentosos, etc).

Além disso, sensibilizar-se com os animais, não apenas os “pets”, que muitas vezes tornam-se “brinquedos”, mas a diversidade da vida animal, nos rios, mares, florestas. Como existirão se seu ecossistema está sendo destruído pela exploração humana? E nós mesmos, será que se continuarmos sem nos importar com a natureza e o meio ambiente, teremos condições de sobreviver? Pensamos mesmo em nossos netos? Logo, preservar o planeta é um princípio ético e integrado a nossa própria existência futura. Palavras como equilíbrio e sustentabilidade precisam ocupar nossas ações em relação à preservação do planeta.



Equilíbrio no sentido de ver que a tecnologia e o desenvolvimento precisam encontrar pontos mais claros, pois não adianta tanta tecnologia sem condições de manutenção da vida. Sustentabilidade como a clareza que de o desenvolvimento precisa ser sustentável, ou seja, precisa ter condições de ser permanente, assim como esperamos da vida. O contrário disso seria cada vez mais os recursos naturais e a própria vida estarem em esgotamento. Vale lembrar que inúmeros pontos do planeta já estão praticamente esgotados e gerando milhões de mortes a cada ano.

6) Redescobrir a solidariedade: “Contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, com a ampla participação da mulher e o respeito pelos princípios democráticos, de modo a construir novas formas de solidariedade.” Comentários:

Ser solidário significa colaborar para o crescimento

coletivo. Muitas pessoas confundem solidariedade como ajudar em campanhas, ou doações. Mas, é muito mais que isso. Solidária é a pessoas que caminha junto, que pensa junto, que preocupa-se com os destinos da sociedade e do planeta. A solidariedade é nos faz pertencer a uma sociedade e não a uma multidão de vidas desagregadas e perdidas. Queiramos ou não, traçamos em conjunto a mesma história, a história humana. A solidariedade é, também, o alicerce que nos sustenta para enfrentar os conflitos que sempre fizeram parte da vida. Aqui vale lembrar que a família e a comunidade são os espaços básicos e iniciais da solidariedade, onde podemos colaborar para melhorar. Neste princípio também está expresso a valorização da mulher, perante uma cultura machista global que violenta milhões de mulheres ao redor do planeta. Além disso, os princípios democráticos, a possibilidade de voz a todas as pessoas também é fundamental para aprofundar a cidadania e a solidariedade.



EDUCAÇÃO PARA A PAZ:

Princípios e objetivos

Como percebemos, a Educação para a Paz, a partir de ações planejadas sobre as relações entre violências, paz e conflitos é fundamental para resolver conflitos de forma madura e saudável, visto que eles fazem parte do cotidiano de todas as pessoas, em todos os tempos e lugares. Conflitos são uma oportunidade de darmos suporte emocional aos envolvidos, demonstrando o valor da confiança nas pessoas e nos processos que levam à paz. Assim a Educação para a Paz está, em sua essência, comprometida com um futuro de bem-estar para a humanidade, e com o meio ambiente. Não podemos mudar os erros do passado (as guerras e todas as violências), mas podemos construir um futuro melhor, com mais justiça social, menos miséria, com mais democracia, diálogo, generosidade, solidariedade, respeito e responsabilidade. Já dissemos que a Cultura de Paz é uma mudança de comportamento social e cultural amplo, que demanda anos, décadas.

Já a Educação para a Paz é o processo pedagógico do agora, na educação do presente, que contribui justamente para a difusão, reflexão e desenvolvimento dessa cultura de não-violência! Para o educador espanhol José Díaz de Cerio (2004), alguns princípios servem para refletir a Educação para a Paz em vários espaços, como as instituições de ensino e de assistência social, além dos diversos grupos organizados e centros de convivências de diferentes faixas etárias.

PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ

a. Cultivar valores: a intenção é cultivar valores como justiça, cooperação, solidariedade, o desenvolvimento da autonomia pessoal para a tomada de decisões, etc e, ao mesmo tempo, questionar os valores antitéticos da cultura da paz como a discriminação, intolerância, obediência cega, indiferença, conformismo entre outras.

Obs: Trate criticamente os valores, fazendo a reflexão entre valores universais e valores cotidianos! Pense com seu grupo sobre os valores, faça-os conversar sobre eles, na busca de ca-

minhos mais comuns e coletivos para encaminhar as situações sociais.

b. Aprender a viver com os demais: A educação para a paz é um processo contínuo e permanente de desenvolvimento da personalidade, baseado em uma forma positiva de aprender a viver consigo mesmo e com os outros na não-violência e na criação de espaços de justiça, respeito e harmonia

Obs: Educar para a Paz não é apenas “ser bonzinho” ou passivo diante das situações, mas antes de tudo é uma forma de desenvolvimento pessoal baseado no diálogo, respeito e não-violência. Lembre disso!



c. Facilitar experiências e vivências da paz:

Educar para a Paz é facilitar experiências e vivências da Paz no ambiente escolar. Requer potencializar relações de Paz entre todos que compõe a comunidade escolar. A organização democrática da aula de acordo com a capacidade dos alunos e sua participação no contexto escolar facilita a resolução não violenta dos conflitos, a partir de um clima que provoque atitudes de confiança, igualdade, justiça, solidariedade e liberdade.

Obs: Além da escola, podemos estender estas questões de convivências e não-violência como dimensões para atuação nos Centros de Referência de Assistência Social, nos Centros de Convivências de várias idades, ou seja, a Educação para a Paz é possível no trabalho de professores, assistentes sociais, psicólogos, enfermeiros e demais profissionais que tenham grupos à disposição para seu trabalho contínuo.



d. Educar na resolução de conflitos: É necessário incluir uma “educação para o conflito”, estimulando a utilização de formas de resolução não-violenta destes conflitos, desenvolvendo competência pessoal e coletiva sempre com respeito à pessoas e, especialmente, o respeito à dignidade e os direitos do mais vulneráveis.

Obs: A atenção aos conflitos como elementos importantes e renovadores das relações interpessoais e coletivas é fundamental. O conflito em si não é ruim, mas ele pode transformar-se em violência, caso não seja solucionado ou, pode ser paz, caso sua resolução seja não-violenta.

e. Desenvolver o pensamento crítico: Educadores devem perder os medos de manifestar seus pontos de vista e suas ideias diante dos problemas humanos mundiais, criticando o que for injusto.

Obs: Paz como passividade precisa ser revista. Paz é protagonismo e proatividade pelo BEM, como justiça social, igualdade entre as pessoas, e, especialmente na crítica a todas as formas de violência que afetam a vida.

f. Combater a violência nos meios de comunicação: Combater a violência visível (seja física, psicológica, estrutural) que aparece, direta ou indiretamente, nos espetáculos: cinema, televisão, quadrinhos, internet e em todas as formas de comunicação em mídias.

Obs: Sabemos que combater esse tipo de violência requer criticá-los, contribuir e criar uma opinião contrária a determinados programas ou enfoques das mídias. Não podemos assistir

passivamente toda a violência manifesta pela mídia, mas sim, criticá-las, entender os contextos e não cair no senso comum de acreditar em tudo o que mídia informa.

g. Educação para a tolerância e a diversidade: Educar para a Paz é educar para a internacionalização, tolerância e diversidade. Nesse sentido, deve-se observar e tomar cuidado em relação aos fanatismos e radicalismos de toda a ordem, pois são causas de violência. As identidades culturais são válidas e positivas e atuam como fonte de crescimento e não como exclusão e violências

Obs: A diversidade é o caminho da tolerância, justamente por fazer entender a aceitar que existem diferentes formas de conceber a vida e a cultura. A violência surge justamente da falta de respeito às diferenças.

h. Educar para o diálogo e a argumentação racional: As violências são ligadas à linguagem, o diálogo e a argumentação. O sistema com ênfase técnica e menos humanista, não contribui para formar pessoas capazes de resolver suas diferenças, fazendo uso da palavra e, em consequência da reflexão e do pensamento mais elaborado.

Obs: A Educação para a Paz para ser viável, prescinde da qualidade de diálogo e argumentação. Precisamos contribuir para que as pessoas reflitam sobre atitudes violentas no dia a dia, que possam perceber os conflitos como necessários à mediação de ideias e opiniões. Ao mesmo tempo, valorizar mais as informações e dados sobre as violências e argumentando sobre sua metamorfose para a paz.



OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ

1- Descobrir, sentir, valorizar e viver com esperança as capacidades pessoais como realidades e como meios eficazes que podemos por à serviço dos demais e que, podem contribuir, para um desenvolvimento positivo e harmônico da vida e do humanismo.

2- Reconhecer e valorizar a própria combatividade/disposição como forma positiva de autoafirmação da personalidade e ser capaz de canalizá-la, permanentemente, em condutas e atividades que promovam e favoreçam o bem comum.

3- Desenvolver a sensibilidade, a afetividade, a ternura, o descobrimento e o encontro com as pessoas que nos rodeiam, tanto em um nível mais próximo, como em um nível mais universal.

4- Sentir a alegria que se produz do encontro interpessoal quando este se desenvolve em um clima de afetividade, de confiança, de respeito de colaboração e de ajuda mútua.

5- Construir e potencializar as relações de diálogo, de paz e harmonia no âmbito escolar e em geral em todas as nossas relações cotidianas.

6- Reconhecer e tomar consciência das situações de conflito que se apresentam, descobrindo e refletindo sobre suas causas e sendo capaz de tomar decisões frente a elas, para solucioná-las de uma forma criativa fraterna e não violenta.

7- Desenvolver a atenção e o interesse ante a diversidade das pessoas e das culturas dos povos, reconhecendo e potencializando essa diversidade como um grande valor. Entender, respeitar e discutir a diversidade em todas as formas, com uma atitude aberta, respeitosa, tolerante e construtiva.

8- Promover o conhecimento da autoestima, o conhecimento de outras realidades sociais, culturais e pessoais, colaborando na autoafirmação da identidade pessoal/social e no desenvolvimento e o enriquecimento dos povos.

9- Conhecer e potencializar os direitos humanos e desenvolver a sensibilidade, a solidariedade e o compromisso frente as situações próximas e distantes, além de estar atento em relação a elas.

10- Mostrar especial atenção e sensibilidade frente às situações de violências, injustiças e subdesenvolvimento que existem no planeta.

11- Conhecer e colaborar ativamente com as organizações governamentais e não governamentais que se comprometem na luta contra a miséria e a injustiça, especialmente com o desenvolvimento dos povos e das pessoas menos favorecidas.



EDUCAÇÃO PARA A PAZ:

Vivências Indispensáveis

A ligação entre a Educação para a Paz e a Educação em Valores é muito próxima. A Paz tem uma dimensão que envolve as violências e o conflito como elementos importantes. Mas reconhecemos que estas questões estão ligadas diretamente aos valores humanos, ou à uma crise destes valores. De modo geral, podemos dizer que há um esvaziamento de valores nas relações sociais. Os valores humanos podem ser entendidos como os princípios pelos quais escolhemos basear nosso comportamento nas situações cotidianas. Tais princípios podem gerar situações positivas ou negativas, dependendo dos valores que optamos.

Muitas vezes as pessoas são conscientes de seus valores e podem afirmá-los, discuti-los e relativizá-los, mantendo-os ou recriando-os, buscando ser melhor enquanto ser individual e social. Essas atitudes promovem as aproximações e a construção de bons caminhos. Outras vezes as pessoas nunca pararam para pensar exatamente quais são os valores que as guiam em seu comportamento. Nesse caso, não tem clareza de suas tomadas de decisão, podem ser enganadas mais facilmente e ainda tornar-se violentas por não aceitar os valores dos outros. Para os educadores Xus Martín García e Josep Maria Puig (2010) podemos ser protagonistas no ensino de valores através de sete competências básicas:

1. Ser você mesmo: quando exercitamos o autoconhecimento e sabemos perceber e diferenciar nossos valores entre positivos e negativos, perante as situações da vida e da sociedade. **Assim, integrar nossas as experiências biográficas na discussão sobre as violências e conflitos podemos contribuir para encontrar caminhos de educar para a paz.**

2. Reconhecer o outro: criar vínculos afetivos com os outros, além do acolhimento e aceitação das diferenças. É fundamental perceber a força das relações interpessoais no processo educativo! **Assim, educar para a paz é investir muito nas atividades vivenciais, dinâmicas e no conhecimento de si mesmo e dos outros.**

3. Facilitar o diálogo: as convivências humanas são transpassadas pelas palavras, gestos, enfim, pela linguagem. Assim o diálogo é elemento básico no favorecimento das relações. **Assim, educar para a paz é facilitar o diálogo e reconhecer a importância dos grupos, da busca de elementos comuns e positivos para a coletividade.**

4. Regular a participação: incentivar a participação ativa das pessoas envolvidas nos processos de construção de vínculos positivos. Participar é valorizar o grupo e comprometer-se com todos. **Assim, educar para a paz é estar comprometido com a paz para todos!**

5. Trabalhar em equipe: ter propostas claras para o trabalho em equipes, para incluir pessoas dentro de seus potenciais co-

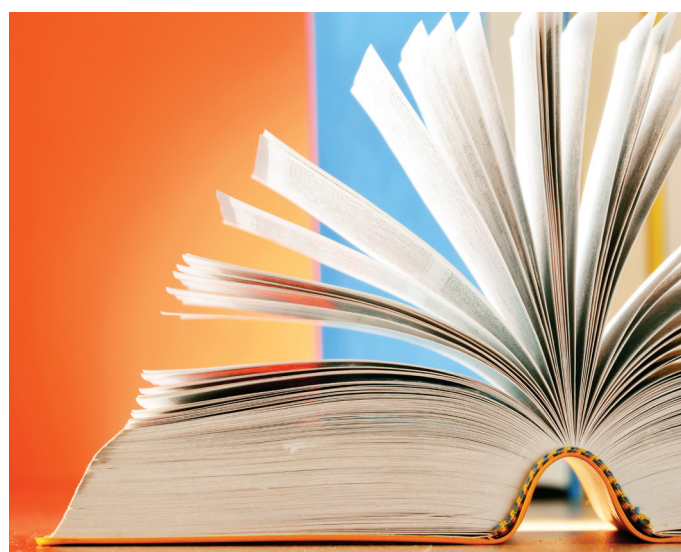
laborativos. Ter coerência e respeito às diferenças é o aspecto básico para o trabalho coletivo. **Assim, educar para a paz está no respeito fundamental às diferenças!**

6. Fazer escola: fazer uma escola melhor através do desenvolvimento da autonomia, diálogo, cooperação e com o entendimento de COMUNIDADE, inclusive com a participação expressiva das famílias. **Assim, educar para a paz requer o trabalho comunitário, não só do caminho da escola para a comunidade, mas de todas as instituições e grupos comunitários na relação com as escolas.**

7. Trabalhar em rede: Uma escola conectada com seu entorno, com a cidade e com o mundo! Aprender o valor das redes, tanto nos relacionamentos presenciais como com a utilização da internet como fonte ilimitada de ações positivas e solidárias. **Assim, educar para a paz é criar redes! Redes são laços, pontes, caminhos comuns que amarram as pessoas umas às outras e em seus grupos!**

Os profissionais que atuam nas questões sociais e educacionais estão cada vez mais sendo solicitados a abordar problemas que surgem em suas comunidades. Ao deparar com tantos desafios que o presente e o futuro nos revelam, a humanidade vê a educação como um auxílio indispensável em sua tentativa de atingir os ideais de paz, liberdade e justiça. As ações educacionais e sociais são os principais meios para promover uma forma mais profunda e mais harmoniosa de desenvolvimento humano e assim ajudar na redução da pobreza, discriminação, a ignorância, a opressão entre tantas formas de violência.

Assim, educar para a paz não se faz com frases soltas de harmonia e serenidade, mas sim a caminhada para, apoiado na não-violência, encontrar soluções para toda essa gama de situações violentas não desejadas na vida.



MEDIAÇÃO DE CONFLITO: Caminho articulado entre violência e paz

Diferente do que muitos pensam, os conflitos não são “brigas” ou violências, embora algumas vezes tenhamos essa ideia. Segundo Jares (2002):

“Conflitos são situações nas quais as pessoas ou grupos sociais, buscam ou percebem metas opostas, afirmam valores antagônicos ou tem interesses divergentes, ou seja, conflitos são momentos de incompatibilidade, choque de interesse entre pessoas ou grupos, seja nas situações pessoais ou coletivas.”



Na Educação para a Paz a resolução de conflitos é valorizada por ser um momento onde os valores, o diálogo e o entendimento são fundamentais para não criar situações violentas. Sabemos que quando os conflitos não são solucionados existe uma possibilidade muito grande de a violência ocorrer. Em toda situação de conflito temos sempre as causas, os protagonistas, o processo e o contexto onde as situações ocorreram e isso contribui para pensar pedagogicamente em como estabelecer a mediação dos conflitos existentes. (Tríade do Conflito segundo SALLES FILHO; SCREMIM, 2013).

O que podemos observar com a figura e que o conflito é inerente ao ser humano, todos nós de alguma forma passamos por conflitos no decorrer de nossas vidas, sejam os conflitos pessoais e interiores, como os rumos e decisões de nossa vida, como os conflitos exteriores, com as outras pessoas ou grupos. O que nos preocupa é a violência que surge quando o conflito não é tratado adequadamente, não existe diálogo, as pessoas não se entendem e começam a agredir-se com palavras, gestos, até gerar agressões físicas contra o outro. De maneira complementar compreende-se também que, a intolerância e o desrespeito são os caminhos para que os conflitos se transformem em violências.

Já a paz (não-violência) é decorrente de processos onde os conflitos são mediados, sejam pelos pais em casa ou pelos professores nas escolas, através dos projetos de Educação para a Paz. Desta forma, o que gera a violência não são

os conflitos, mas sim a não resolução dos impasses a partir de ideias contrárias..

Os conflitos mediados nos grupos, em situações pedagógicas, requerem dos profissionais responsáveis em cada grupo, algumas habilidades de comunicação construtiva como:

1. Escuta ativa – ouvir com atenção aos detalhes e emoções;
2. Pensar antes de falar – avaliar os fatos com imparcialidade e bom senso;
3. Combater pensamentos e linguagem preconceituosa;
4. Não fazer comparações, ser claro, superar ressentimentos;
5. Assumir responsabilidade, construir empatia e especialmente ser tolerante e ético.

Podemos entender o conflito de forma positiva, quando se busca o diálogo como elemento primordial de mediação. Essa concepção positiva do conflito, como um desafio, faz com que a perspectiva de uma Educação para a Paz seja mais concreta, pois as ações pedagógicas não surgem de algum “ideal” pela paz, mas de situações cotidianas, das relações de convivência das pessoas nos grupos, com tensões, diferenças, conflitos e o compromisso de buscar pontes comuns, solidárias, generosas e humanizadoras.



PISTAS PARA O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ

O presente material tem como objetivo básico oferecer uma reflexão conceitual sobre a relação entre violências, paz e conflitos. Acreditamos que a partir destas informações, os profissionais avaliem suas próprias realidades e contextos para encaminhar práticas positivas. Mesmo que não sejam oferecidas “receitas”, procuramos apontar algumas possibilidades práticas de encaminhar o trabalho com grupos. As atividades são sintetizadas e adaptadas a partir das ideias propostas por Nunes (2011), ressaltando que precisam estar relacionados aos **PRINCÍPIOS E OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ E RELACIONADOS AO MANIFESTO 2000 DA ONU!**

a. Criar coletivamente regras de convivências entre o grupo logo nos primeiros encontros;

b. Clareza de que as relações sejam sempre respeitadas e colaborativas, a partir das regras coletivas definidas;

c. Planejar atividades cognitivas (reflexões e debates) e vivenciais (dinâmicas de grupo, pequenos relaxamentos) como forma de provocar mais interações;

d. Utilizar, sempre que possível formações circulares, pois favorecem a ligação visual entre as pessoas e tranquiliza para os contatos mais afetivos;

e. Dicas: música de qualidade, poesia, teatro, dança e demais atividades lúdicas, filmes, músicas, palestras, cartazes, gincanas, jogos cooperativos;

f. Promover “semanas da paz” para agregar todo o trabalho desenvolvido durante um período;

g. Evitar palestras isoladas, mas valorizar debates com convidados sobre temas como: preconceito, drogas, direitos humanos, violência, paz etc. Importante que os profissionais convidados tenham experiência com as respectivas faixas etárias;

h. Criar hábito diário nas reflexões e atitudes não violentas, para mudar aspectos culturais;

i. Apoiar jogos, festivais e gincanas cooperativas para favorecer as convivências e o respeito individual e coletivo nas comunidades e grupos;

j. Envolver as famílias nas atividades: os pais, ou filhos, avós etc. O diálogo inter-geracional é um dos maiores incentivos

para fortalecer grupos comunitários e reorganizar as famílias;

k. Convidar pessoas com perspectivas diferentes para dialogar com os grupos, sejam educadores, padres, pastores, jornalistas, promotores, sindicalistas, psicólogos, assistentes sociais, pessoas da comunidade. Valorizar as diferentes experiências positivas para contribuir com os grupos;

l. Aprofundar a atenção nas pessoas mais fragilizadas do grupo, que sofram maior grau de violência, como forma de trazê-las para o coletivo;





m. Criar mecanismos para avaliação contínua do trabalho, criando caixa de sugestões, fazendo assembleias além de informar através de murais, informativos e jornais próprios;

n. Aprimorar as relações humanas através do diálogo e co-operação;

O. Outras atividades: dinâmicas de grupo de forma geral, Brainstorming (tempestade mental), pesquisas individuais ou em grupo de temas conceituais, utilização de filmes (às vezes fragmentos), vídeos da internet, documentários, sempre com roteiros para debate, jogos dramáticos e simulações (relações reais e imaginárias sobre temas cotidianos), narrativas, leituras dirigidas, artes manuais, etc. Aproveitar todas as possibilidades para criar a reflexão e apropriação tanto dos conceitos como das vivências indispensáveis para construir e paz e a não-vio-

lência e criar uma cultura que desvalorize formas de violência;

p. Relacionar-se com qualidade a partir de: expressar-se com serenidade e de forma clara, chamar as pessoas pelo nome, equilibrar as emoções em momentos de tensão ou conflito, evitar expressões de desinteresse ou hostilidade, ter postura dialógica, atentar para a linguagem corporal, utilizar mais elogios, mais abraços e menos olhares e palavras destrutivas ou excessivamente críticas, utilizar linguagem e atitudes de empatia e ouvir as pessoas com muita atenção, concentrar-se nos problemas e não nas pessoas; q. Valores necessários para os trabalhos restaurativos com círculos para solucionar conflitos e reconstruir relacionamentos: participação, respeito, pertencimento, responsabilidade, honestidade, humildade, interconexão, empoderamento e solidariedade. Os círculos restaurativos devem ser usados quando as formas preventivas, como as convivências, os valores, o diálogo falharem.



R Como aponta Nunes o círculo “possibilita mostrar a eles que quando as pessoas não conseguem dialogar e chegar a um acordo, não devem prolongar o conflito; ao contrário, devem pedir o apoio de uma terceira pessoa para que interceda visando ajuda-las a clarificar e solucionar a pendência” (2011, p.85). Lembramos que a mediação pode ser com o mediador ou em círculo, onde podem participar mais pessoas, que possam contribuir ao contexto da discordância.

Como vimos, são inúmeras possibilidades para o trabalho da Educação para a Paz nas escolas e instituições presentes nas comunidades. As atividades, no entanto precisam ser entendidas de acordo com os estudos de Morrison (apud NUNES, 2011), na seguinte sequência:

Nível primário: quando o trabalho preventivo tem sustentabilidade e as próprias pessoas podem encaminhar os possíveis conflitos, que serão em número reduzido devido à qualidade das convivências. Isso acontece quando existe o fortalecimento e a reafirmação dos relacionamentos através do desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. Quando há um aprimoramento de valores como: respeito mútuo, empoderamento, colaboração, honestidade, integridade, participa-

ção, pertencimento, responsabilidade, valorização do próximo, transparência, tolerância, humildade, interconexão e solidariedade.

Nível secundário: quando alguns conflitos ficam evidenciados e precisam haver uma reparação das relações. Nesse caso é necessário diálogo com mais profundidade, com escuta empática, comunicação não violenta e habilidades para gerenciar conflitos. Nesse caso, a presença de uma pessoa para mediar é importante, para preservar a serenidade e reconectar as relações.

Nível terciário: quando os dois primeiros níveis não são suficientes há a necessidade de consertar e reconstruir as relações, que acabam extrapolando as possibilidades individuais de resolução. Nesse caso, os círculos restaurativos e uma intervenção com mais atenção e tempo são necessárias.

Estes níveis, embora possam ser analisados de outras formas, ajudam a separar as situações cotidianas e a valorizar o nível primário, o que podemos chamar como a própria Educação para a Paz.



PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI



Já estamos no meio da segunda década do século XXI. Muitas coisas previstas no final do século XX para a educação e para a humanidade não saíram do papel. Muitas políticas sociais foram desenvolvidas e muitas pessoas envolveram-se com os problemas da humanidade e do país. Mas a violência, no Brasil, se constitui em algo “normal” a cada dia, com as pessoas acostumando-se ao medo e à insegurança.

Acreditamos que precisamos mais que isso e realmente tomar posição à favor da PAZ, de uma Educação para a Paz, que eduque para as convivências positivas. Se não fizermos isso, deixaremos que a violência entre as pessoas torne-se cada vez maior e destruam as relações humanas.

Desta forma, optamos em falar de cultura de paz, educação para a paz, educação em valores e mediação de conflitos,

para que nós, profissionais e cidadãos envolvidos nas diferentes instituições e entidades que atuam com grupos sociais, façamos estas ideias frutificarem.

Sobre essas perspectivas podemos acrescentar que a busca da Paz constitui uma tarefa seguramente inacabável, por isso deve-se estabelecer um ambiente interno e externo, onde se resolvam os conflitos de forma construtiva e não violenta, responsável e justa. (ALENCAR; ALMEIDA, 2011, p. 242)

Não existe mais tempo para reclamar da violência que cresce na sociedade. Precisamos sim, tornar a Educação para a Paz um objetivo e uma meta na sociedade, nas escolas e em todas as instituições sociais. Por isso, acreditamos com muito vigor, que uma **CULTURA DE PAZ SE FAZ COM EDUCAÇÃO PARA A PAZ!**



Referência

ALMEIDA, S.M.N; ALENCAR, M.L. O adolescente e a Cultura de Paz. In: MATOS, K.S.; NONATO JÚNIOR, R.(orgs.) Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade II. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CERIO, J.L.Z. D. Bases de una Educación para la Paz y la Convivencia. Edita: Gobierno de Navarra. Departamento de Educación y Cultura. I.S.B.N.: 84-235-1799-3 GOBIERNO DE NAVARRA. Departamento de Educación y Cultura.

DISKIN, L.; ROIZMAN, L.G. Paz, como se faz? Semeando cultura de paz nas escolas; Coleção abrindo espaços: educação e cultura para a paz; 2008, UNESCO Office Brasilia; Fundação Vale (Brasil); Palas Athena Association (Brazil).

GARCÍA, X. PUIG, J.M.. As Sete Competências Básicas para Educar em Valores. São Paulo: Summus, 2010.

JARES, X.R. Educação para a paz: sua teoria e sua prática. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MILANI, F.M. Cultura de Paz X violências: papel e desafios da escola. In: MILANI, F.M; JESUS, R.D.P. Cultura da Paz: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: INPAZ, 2003.

NUNES, A.O. Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores. São Paulo: Contexto, 2011.

SALLES FILHO, N. A.. Paulo Freire E Educação Para A Paz: O Mesmo Sentido. EDUCERE – III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Curitiba: PUCPR, 2009.

SALLES FILHO, N.A; SCREMIM, R. Educação para a Paz: aspectos conceituais necessários ao processo de reflexão da Educação Física

Escolar. In: FINCK, S.C.M. (org) Educação Física Escolar: saberes, práticas pedagógicas e formação. Curitiba: Intersaberes, 2014.





www.institutomm.com.br

